

Roberto

Reportagem Especial

HISTÓRIAS DE VIDA

Universitárias viram moradoras de rua

Elas largaram família, estudos e emprego por causa do crack. Um advogado chegou a ser internado, mas teve recaída

AM905-1

Eliane Proscholdt
Francine Spinassé

Durante as abordagens nas ruas feitas por equipes das prefeituras da Grande Vitória, muitas histórias de quem largou tudo por causa do crack. Entre os personagens, três universitárias, um advogado e um jovem de classe média.

Uma das universitárias cursava Direito e as outras Odontologia, em escolas particulares. Já o advogado atuava na área criminal.

As histórias de vida dessas quatro pessoas foram contadas ao coordenador de abordagem de rua da Secretaria de Ação Social de Vila Velha, Geraldo Rosa da Conceição.

Ele disse que todos se recusam a ir para abrigos por causa das regras, especialmente pela proibição do uso de drogas e bebidas.

“Eles normalmente são vistos em alguns pontos em Vila Velha, à noite. Alguns admitem que às vezes retornaram para casa, mas como não aceitam mudar de vida, voltaram para as ruas”, destacou.

Há situações em que a própria família desistiu. “A universitária de Direito, por exemplo, contou que veio para a rua influenciada pelas amizades e se envolveu com drogas.”

E completou: “Ela começou na maconha, mas agora usa crack. A família a deixou de lado, alegando que nada mais pode fazer.”

Já o advogado, segundo Geraldo, foi internado, mas teve recaída e voltou para a rua.

Nos relatos, as universitárias admitiram que se prostituem para manter o vício. Um dos casos é de uma universitária de Odontologia.

“Ela é morena, tem cabelos cacheados e fica na região de Itapoã. Ela se prostitui e cobra entre R\$ 5 e

R\$ 10 por programa”, disse.

A coordenadora do abrigo de Jucutuquara, Andreia Martins, contou que casos de pessoas que largam família, emprego e estudos por causa do vício são comuns.

Entre os fatos marcantes, ela destacou o de um jovem de 15 anos, morador de Jardim Camburi, em Vitória, que chegou a ficar por um tempo no abrigo.

“Ele é um rapaz muito bonito, loiro, dos olhos claros. Estava nas ruas já desde os 15 anos, era usuário de crack. A mãe é bem de vida, mora no bairro ainda e casou-se de novo. Hoje, ela tem outra família.”

“Alguns admitem que às vezes retornaram para casa, mas como não aceitam mudar de vida, voltaram para as ruas”

Geraldo Rosa, coord. da Secretaria de Ação Social de Vila Velha



GERALDO: regras para ficar em abrigo, como proibição de bebidas e drogas

O PERFIL DELES

Universitária de Direito

- > RESIDIA em Itapoã, Vila Velha, mas há sete anos saiu de casa para morar na rua.
- > TEM 25 ANOS, é branca, de cabelos lisos, olhos claros e conversa bem.
- > CONTOU que começou a usar maconha e, posteriormente, o crack.

Estudantes de Odontologia

- > UMA TEM 27 ANOS e largou a faculdade às vésperas de se formar.
- > ANTES DE IR PARA A RUA, há cerca de quatro anos, morava em Itapoã, Vila Velha.
- > COMEÇOU fumando cigarro e depois migrou para a cocaína e, em seguida, para o crack.
- > A OUTRA UNIVERSITÁRIA, que morava na Praia da Costa, Vila Velha, tem 24 anos, é morena clara, reservada, mas chora quando é incentivada a deixar as drogas.

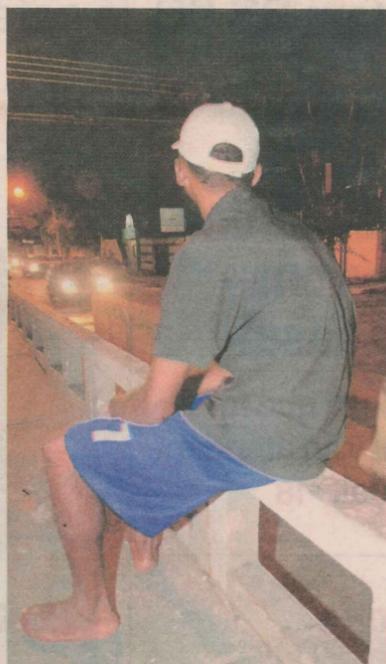
Advogado

- > TEM ENTRE 38 E 40 ANOS de idade, é separado, sem filhos, e morava em Itapoã, Vila Velha.
- > ANTES DE USAR CRACK e ir para a rua, atuava na área criminal.

Jovem de Jardim Camburi

- > TEM 22 ANOS, hoje, mas mora na rua desde os 15 anos por causa do vício em crack.
- > É LOIRO, tem olhos claros, bonito.
- > ESTUDOU em boas escolas particulares, conversa bem.
- > O RAPAZ conta que entrou para o vício após a morte do pai.
- > A MÃE AINDA MORA Jardim Camburi. Ela se casou novamente e teve outros filhos.

ELES TAMBÉM VIVEM NA RUA



Cozinheiro

Morando há dois meses nas ruas de Vila Velha, um cozinheiro de 33 anos conta sobre a dificuldade em largar o vício e a saudade da mãe, com quem não fala desde que saiu de casa.

“Minha família é classe média, tem casa, bons empregos e imóveis. Trabalhei em quiosques como cozinheiro, até que perdi tudo por causa do vício”, disse.

Ele conta que nunca teve passagem na polícia e que nunca roubou nada para manter o vício. “Trabalho o dia inteiro. Queriria tratamento e mudar de vida.”



Arrumando um cantinho para ficar

Em um terreno baldio, na Praia da Costa, em Vila Velha, a reportagem de A Tribuna encontrou um rapaz de 26 anos. Ele preparava um cantinho para ficar.

Contou que deixou a casa para a mulher e o filho e há um mês está na rua. “Todos os dias uso crack”, admitiu.



Ajuda para mudar de vida

Morando nas ruas há 20 dias, o lavador de carros Elias Conrado de Souza Salles, 27 anos, sonha em se livrar do vício em crack e sair das ruas. “Já trabalhei como padeiro e confeiteiro. Há seis anos entrei para essa vida e não consigo largar. Emagreci 10 quilos e preciso de ajuda”, disse.

Ele ficou até em hotel

Chorando, Marcelo Silveira Ribeiro, 34 anos, falou sobre o passado e disse que veio de Minas Gerais para o Estado com o objetivo de arrumar um bom emprego.

Inicialmente ficou na casa dos tios, mas depois decidiu se hospedar em um hotel pagando uma diária de R\$ 40. Após uma semana, decidiu morar na rua.

Trabalhou em um supermercado e numa firma que prestava serviço para uma siderúrgica, como auxiliar de serviços gerais. Agora mora na Praia da Costa, em Vila Velha.

Reportagem Especial

HISTÓRIAS DE VIDA

“A vida se encarregou de me fazer chegar aqui”

Ela trocou as duas casas, emprego e deixou a família para morar nas ruas de Vila Velha. Há mais de dois anos, uma cabeleireira, promotora de vendas e viciada em crack tem como endereço um pequeno amontoado de madeira em um terreno baldio.

Apesar da situação difícil, ela afirma que nunca precisou roubar ou pegar nada que não lhe pertencesse para se sustentar.

Hoje, trabalha vigiando e lavando carros e diz que é muito respeitada e tem a confiança da comunidade. “Só me interno no dia em que precisar roubar alguém para sustentar o vício. Hoje, trabalho para conseguir tudo que tenho”, disse.

A TRIBUNA - Há quanto tempo mora na rua?

CABELEIREIRA - Não sei. Acho que mais de dois anos.

> Mas tem família?

Tenho. Tenho duas filhas casadas e um neto. São religiosas e têm uma boa vida e uma boa situação financeira. Elas vêm me visitar sempre, respeitam a minha opção de vida.

> E como a senhora veio parar nas ruas?

A vida se encarregou de me fazer chegar aqui onde estou. Não era pobre. Tinha uma vida boa. Eu tenho casa, sabe? Moro na rua por opção, para ter mais liberdade.

Tenho uma boa casa em Alecrim no valor de R\$ 68 mil. Tenho outra casa também, de praia. Foi o que ficou do meu casamento, pois meu ex-marido tinha um bom emprego. Era mergulhador.

As casas eu não vendo, pois não fico para as minhas filhas. Elas também não precisam, mas fica lá para o futuro.

> E por que não mora lá? Prefere morar na rua?

Eu moro aqui porque é mais perto do trabalho. Não volto para casa. No futuro, quero alugar uma casinha para morar com o meu companheiro, mas por aqui mesmo.

> A senhora chegou a trabalhar em outros empregos?

Já trabalhei como vendedora, cheguei a ser promotora de vendas de uma fábrica de biscoito. Tam-



CABELEIREIRA trabalha lavando carros e contou que tem duas casas

bém fui cabeleireira.

> Pensa em mudar de vida ou tem sonhos?

Não. Só me interno no dia em que precisar roubar alguém para sustentar o vício. Hoje, trabalho para conseguir tudo que tenho. Me

“ Não era pobre, tinha uma vida boa (...) Troquei casa e família por essa vida e não me arrependo ”

sustento e não preciso tirar nada de ninguém. Troquei casa e família por essa vida e não me arrependo.

> E quanto consegue tirar, hoje, trabalhando na rua?

Ganhamos um valor razoável. Tenho a confiança de todos por aqui por perto. Todos me conhecem e sabem que eu trabalho certo. Consigo ganhar cerca de R\$ 2 mil por mês, honestamente.

> E esse dinheiro é para sustentar o vício?

Meus gastos são minha responsabilidade. Não tiro nada de ninguém.

SEGREDO PARA A MÃE

Barman sai de Minas

Um barman de 24 anos, que preferiu não se identificar, deixou a família no interior de Minas Gerais há quatro meses para morar nas ruas de Vitória.

Ele disse que tem contato com os familiares todos os dias, até por sites de relacionamento. “Minha mãe acha que moro em república com amigos. Eles nem sabem do meu vício em drogas”, disse o jovem.

O barman contou que começou a usar drogas desde os 12 ou 13 anos. “Comecei com maconha. Aos 15, já usava crack”, afirmou.

Sobre o futuro, garantiu que vai voltar para casa ainda este mês.

SONHO DE MUDAR DE VIDA



Já atuou em revenda de carros

Apesar de ter uma casa na Barra do Jucu, em Vila Velha, Fábio Gouveia de Lima, 27 anos, afirmou que prefere morar na rua.

Atualmente ele vive com a mulher em uma “cabana”, na Praia da Costa, em Vila Velha, e trabalha como lavador de carro.

“Vim a pé de Minas Gerais com um grupo de três amigos. Tinha dinheiro no bolso, mas a gente queria

fazer uma aventura. Demoramos uma semana para chegar ao Estado. Morei com a minha mãe, em Vila Velha, que me deu uma casa, mas depois de seis meses decidi morar na rua”, contou Fábio.

Questionado se ele tem algum sonho, respondeu: “Já trabalhei em uma revendedora de carro e ganhava bem. Queria arrumar um emprego fixo e sonho em mudar de vida.”

ONDE BUSCAR AJUDA DE GRAÇA

Denúncias por telefone

Os atendimentos

> OS MUNICÍPIOS da Grande Vitória atendem os moradores de rua através do Serviço de Abordagem Social e do acolhimento institucional.

> NESSES LOCAIS, geralmente de estadia temporária e que oferecem alimentação e higiene, há regras.

> ENTRE OS OBJETIVOS, está o encaminhamento para o mercado de trabalho ou retorno à família.

> MAS O ACOLHIMENTO em instituições não é obrigatório. Muitas vezes essas pessoas preferem morar na rua devido ao vínculo afetivo e, em alguns casos, ao uso de drogas.

Onde buscar ajuda

VITÓRIA

> DENÚNCIAS E PEDIDOS DE AJUDA podem ser feitos por meio do Fala Vitória 156.

> OS PROFISSIONAIS da assistência social mantêm contato com os mora-

dores de rua, realizam cadastros e apresentam a eles os serviços oferecidos pela prefeitura (Abrigo, Albergue Noturno, Hospedagem Noturna, Centro de Referência Especializado de Assistência Social para População de Rua e Casas Lares).

CARIACICA

> CONTA COM abrigo em Vila Merlo, que atende 40 pessoas. São oferecidos cursos como grafite e artes.

> INFORMAÇÕES: 3346-6321

SERRA

> MANTÉM abrigo em Jacaraípe, onde é feito o acolhimento temporário.

> INFORMAÇÕES: 3243-2600

VILA VELHA

> CONTA COM DOIS ABRIGOS: Divino Espírito Santo para moradores de Vila Velha e em Santa Rita, para pessoas que vêm de fora.

> DENÚNCIAS pelos telefones 3391-5044 ou 9921-6734, durante 24 horas.

ANÁLISE

“Falta amor de família. Muitos vão preencher o vazio nas ruas”

“As vezes a gente acha que uma pessoa tem tudo dentro de casa, mas na prática há um vazio muito grande.

Em muitos lares, independente da classe social, há uma carência. Falta amor de família. Muitos jovens não aguentam isso e vão preencher esse vazio nas ruas.

É lá que muitas vezes eles encontram alguém para ouvir. É uma espécie de troca, um companheirismo que não têm em casa.

Francisco Veloso,
doutor em dependência
química e terapeuta
de família



Mas a maioria esmagadora não vai para a rua para usar drogas. Eles começam a usar dentro de casa, no quarto, por exemplo.

Atendo dois casos de usuários de crack. Um de uma mulher de 35 anos que largou a faculdade e uma filha de 7 anos, para morar na rua. O outro é de um rapaz de 27 anos.

Para evitar casos assim, os pais devem ser companheiros, ser amigos em todos os momentos, mas sempre colocando limites.”

